

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 21 de janeiro de 2015

Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, Companhia Ilimitada, São Paulo 2015 (no prelo), 1º capítulo.

- *Zamba de mi speranza*
- *My song is love unknown*
- *Liberazione n. 2*

Glória

Carrón: Comecemos nosso trabalho sobre o novo texto de escola de Comunidade, *Por que a Igreja*. Desde a primeira página do primeiro capítulo, aparece com muita clareza a preocupação de Dom Giussani, que parece totalmente adequada àquilo que viemos nos dizendo, porque estamos em um momento do percurso histórico no qual vemos acontecer aquilo que chamamos, junto com Bento XVI, o colapso das evidências: aquilo que há algum tempo era evidente a todos, reconhecido por todos, hoje desapareceu. A tentativa iluminista de que as evidências que nasceram com o cristianismo pudessem durar prescindindo do mesmo, está irremediavelmente falida. É surpreendente que há tanto tempo Dom Giussani já tivesse essa preocupação em relação à evidência: não basta que exista o fato para que ele seja reconhecido. E, realmente, o ponto de partida do capítulo é o reconhecimento de um fato: “A Igreja não só é expressão de vida, algo que nasce da vida, mas *é* uma vida”. Imediatamente reconhece que podem haver opiniões diferentes sobre este fato; isso não parece estranho a ele, e afirma: “Quem se propuser a verificar uma opinião própria sobre a Igreja [quem quisesse verificar se a própria opinião é verdadeira ou não] deverá considerar que, para a inteligência real de uma vida [essa é a preocupação: que se possa entender a vida que a Igreja é], é necessária uma convivência adequada”. Ele sabe muito bem que não é a mesma coisa afirmar que existe uma vida e entender essa vida, porque entre a evidência da realidade e a inteligência da realidade há sempre um caminho a ser percorrido. Por isso, diz, ainda: “*Conditio sine qua non* para a inteligência da vida é a *convivência* com ela”. Quer dizer, Dom Giussani é bem consciente de que o homem precisa de algo para entender, para compreender aquilo que tem diante de si; sua meta educativa é que todos possam chegar a um juízo crítico objetivo. Não quer nos instrumentalizar, não quer “engolir” o nosso cérebro; quer que cada um possa chegar a um juízo crítico objetivo. E qual é o ponto do qual parte para nos ajudar a entender? O menos discutível de todos: mesmo entre aqueles que poderiam colocar em discussão a Igreja, todos estão de acordo na aceitação de que a Igreja é um “fenômeno religioso”. Não se detém nos particulares, simplesmente parte daquilo que todos podem reconhecer mais facilmente. Como alguém pode conhecer esse fenômeno religioso? Dom Giussani recorre ao critério de conhecimento geral: “O homem [...] encontra [reconhece] somente aquilo que de algum modo tenha ligação com algo já *presente* em si”. Esse é o instrumento que temos para conhecer todas as coisas. Dá o exemplo de Dante ou Shakespeare – mas podemos também usar um filme, um romance ou um poema, o diálogo com um amigo, é a mesma coisa –: nós podemos entrar em relacionamento com algo, entrar em sintonia com aquilo que nos é dito se o que nos é dito tem ligação com algo que já está presente de algum modo em nós. Então, se a Igreja é um fenômeno religioso, uma realidade religiosa, somente se o aspecto religioso está ativo em nós, o fenômeno que a Igreja é poderá ser entendido. Se, ao contrário, não está ativo ou foi interrompido, se a um certo ponto da evolução da pessoa foi bloqueado, “será mais difícil poder julgar de forma objetiva e crítica aquele fato religioso”, ou seja, conhecê-lo. Sinteticamente, diz: “Para que se produza uma compreensão, deve haver uma correspondência”. Essas coisas nos parecem já sabidas, no entanto, não são aquilo que mais imediatamente nos preocupa. Ao contrário, para Dom Giussani, isso é tão crucial que diz que muitas das dificuldades que encontramos pelo caminho têm sua origem exatamente aqui: a

dificuldade de enfrentar uma realidade de tipo religioso está na falta da educação do senso religioso. Sem a educação do senso religioso, é impossível que possamos entrar em sintonia com aquele fenômeno e, por isso, sentimo-nos “distantes”, diz, “de realidades que, ao contrário, estão radicadas dentro da nossa carne e do nosso espírito”. Por isso, neste ou em dois anos, nos quais trabalharemos sobre *Por que a Igreja*, não devemos perder de vista esse convite de Dom Giussani, se quisermos ter uma inteligência dessa realidade que não seja uma inteligência reduzida e abstrata: porque o que é necessário entender é uma vida, não um livro. É preciso entender uma vida! E se isso ainda não estiver claro, reforça que “a primeira dificuldade ao se defrontar com a Igreja, é uma dificuldade de inteligência”, isto é, é um problema de conhecimento. Se, independentemente da ligação com a Escola de Comunidade, alguém nos perguntasse: “Qual é, para você, a maior dificuldade para entender a Igreja?”, quem diria que a dificuldade é de inteligência? E a mesma coisa que acontece a quem não faz Escola de Comunidade, acontece a nós. Essa dificuldade é “causada por uma situação não desenvolvida do senso religioso”. E diz – atenção, Giussani é tão consciente do percurso humano que cada um de nós deve percorrer, que nos dá todos os instrumentos – que a primeira dificuldade não é ética (isto é, não diz respeito às dificuldades que temos na vida, não diz respeito aos escândalos que podem acontecer dentro da Igreja); não, não, não: é um problema de inteligência. Mas, para nós, isso quase não conta. E, por isso, insiste, ainda: “Os erros mais graves em cada percurso do homem têm sempre origem na raiz da questão”. E qual é, para ele, a raiz da questão? Que falta a educação ao senso religioso, porque somente um senso religioso educado pode ser “fermento insubstituível de um razoável progresso” da nossa capacidade de conhecer. Ao contrário, um senso religioso não educado “é como pedra de tropeço em cada etapa do caminho”. Por isso, muitas vezes nós nos deparamos com essa “pedra de tropeço” e nos distraímos com outras coisas sem entender que a origem do obstáculo está exatamente aí. Consequentemente, o que Dom Giussani faz? “Tendo chegado à última etapa do nosso ‘PerCurso’”, em *Por que a Igreja*, volta ao ponto de partida, isto é, ao primeiro capítulo de *O Senso Religioso*, no qual diz qual é o critério de juízo: a experiência elementar, o senso religioso, com o qual podemos julgar o fenômeno da Igreja. Assim, tendo essa educação, podemos surpreender em nós aquela correspondência que nos faz entender o porquê. “Tal correspondência – insisto [como se pensasse em cada um de nós hoje, que somos um pouco reticentes em reconhecer qual é o alcance da questão] – revela-se no interior de um senso religioso vivo e, por isso, é favorecida unicamente por uma educação permanente desse senso religioso”. Por isso, fazendo o trabalho da Escola de Comunidade pelas perguntas que chegaram para este encontro, percebe-se que vocês foram logo ao núcleo da questão: como nos educarmos ao senso religioso?

Colocação: *A pergunta é exatamente esta. Uma vez que a falta de educação do senso religioso natural nos leva facilmente a sentir distantes de nós essas realidades, como se faz para educar o senso religioso? Porque, muitas vezes, eu considero óbvio tanto a sensibilidade ao senso religioso (porque penso estar pronto e já capacitado), quanto o fato de que a Igreja é a resposta a este senso religioso.*

Carrón: E você tem alguma hipótese – depois de anos estudando o senso religioso, depois de anos estudando a pretensão cristã e, agora, a Igreja –, você tem alguma sugestão?

Colocação: *Seguir o Movimento.*

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Como é possível educar constantemente a esse senso religioso dentro da vida? Percebi que não quero viver de um significado que eu decido inconscientemente, que inevitavelmente está presente, mas que, depois, não se revela à altura. Não quero me enganar porque durante o dia vivi com uma consciência pouco viva da minha necessidade de significado. Gostaria de poder senti-la sempre conscientemente na carne, porque no fim de um dia em que o senso religioso não se manteve desperto, a melancolia me oprime, sinto-a muito viva em mim. Mas, na verdade, isso me estimula e torna as primeiras páginas do texto que estamos lendo imprescindíveis, atraentes e muito propícias.*

Carrón: E, pelo que você está dizendo, amiga, somente pelo que você disse, como você foi educada ao senso religioso dentro da vida? A partir daquilo que você disse! O que você disse tem a ver com o senso religioso?

Colocação: Bem...

Carrón: Quando a melancolia oprime você, isso é o senso religioso ou não?

Colocação: Sim.

Carrón: A vida... Você pode passar o dia como quiser, mas dentro da vida emerge, à noite, a melancolia que oprime. De onde surge o senso religioso? Como você disse muito bem: da vida. Mas se nós não nos damos conta disso, continuaremos a fazer a pergunta: como me educar constantemente ao senso religioso? Simplesmente se reconhecer aquilo que emerge em você. Não é senso religioso participar de uma aula teórica sobre o senso religioso. O senso religioso é uma experiência: entre as tantas coisas, é essa melancolia que oprime você e que surge da vida. Quanto mais a reconhece, tanto mais parte dali. Entende? Essa é a questão. O que é o senso religioso? Para dizer em poucas palavras – a partir do quinto capítulo de *O Senso Religioso* –, o que é o senso religioso? Leio: “O Senso Religioso coloca-se dentro da realidade do nosso eu no nível de [certas] perguntas: *coincide com aquele compromisso radical do nosso eu com a vida, que se mostra nessas perguntas*” (*O Senso Religioso*, Universa, Brasília 2009, p. 73). Bastaria dar-se conta disso: educar-me ao senso religioso é esse empenho com a minha vida. Você o carrega à noite ou ao longo do dia, através do cansaço, da nostalgia, através da solidão, das perguntas que a vida suscita em você. O senso religioso coincide com isso. Não é preciso fazer grandes coisas; é preciso viver intensamente o real! Esse empenho do nosso eu com a vida é aquilo que precisamos enfrentar. Demos um passo além: como essas perguntas são despertadas? Você se lembra como as perguntas do senso religioso são despertadas? Algum capítulo do livro fala dessa pergunta?

Colocação: Sim, no encontro com a realidade.

Carrón: No encontro com a realidade. Décimo capítulo de *O senso religioso*: “Como são despertadas...”. É impossível – como você vê – que a realidade não desperte em você as perguntas. As perguntas são despertadas no impacto com a realidade; os fatos que acontecem têm o poder de despertar as perguntas, mesmo que estejamos esmagados. A pessoa pode estar distraída, mas à noite não pode evitar sentir toda essa nostalgia. Então, não é que recentemente não tenham acontecido fatos que evidenciaram ainda mais as perguntas. Os fatos mais recentes, como os de Paris, têm alguma coisa a ver com o despertar desse nível da experiência humana? Bastaria que cada um de nós se tornasse consciente de qual foi o impacto que aqueles fatos produziram em si. “Todas as vezes que acontecem essas coisas que abalam o mundo inteiro”, escreve uma pessoa, “percebo sempre uma desproporção em relação ao caminho que estou percorrendo [é impossível que as perguntas não sejam despertadas, perguntas para as quais não basta uma resposta como aquela que, às vezes, buscamos]. Às vezes, penso que o problema seja que não estou suficientemente informada sobre os fatos [como se eu pudesse exaurir a natureza da pergunta somente com uma informação precisa sobre os fatos]. Provavelmente também entre nós, não nos ajudamos e não nos provocamos a ter um olhar que se volte ao todo e, mais frequentemente nos limitamos a introspecções psicológicas às vezes estéreis [e, no entanto, surge o desejo de levar a sério aquela pergunta última]. Os acontecimentos de Paris, para mim, foram cruciais para entender se a experiência que faço desmorona diante de um fato assim ou se me mantém de pé”. Muitas vezes, diante desses desafios procuramos alguém que nos ajude imediatamente; ficamos tão perdidos e desconcertados que logo nos vêm a ânsia por uma resposta. Isto documenta como um fato tão marcante gera um tipo de pergunta que tem urgência de uma resposta.

Colocação: Comigo, aconteceu aquilo que você disse antes, quer dizer, que em geral, para mim, não é óbvio me interessar por aquilo que acontece. Porém, quando vi que todos os meus amigos continuavam perplexos, comecei a me informar e fiquei um pouco confusa diante de todas essas coisas, então fui procurar a ajuda deles e naquilo que o Papa dizia; fui pesquisar na internet se você ou alguém tinha dito alguma coisa porque entendia que era uma coisa importante, não queria

que passasse, simplesmente. Porém, percebi que faltava alguma coisa porque fui a uma reunião com alguns jovens que fizeram um trabalho sobre os cristãos perseguidos no Oriente Médio, e no encontro indireto com esses testemunhos perguntei-me: eles morrem por Cristo, e eu, o que faço da vida? Ou seja, nasceu novamente em mim a pergunta: quem é, para mim, Cristo, que para eles é tão concreto? E o que faltava, o que tinha ignorado era a minha primeira reação: que fiquei estarecida e imediatamente procurei alguém que me tranquilizasse.

Carrón: E qual é a diferença que vê entre você que, ao primeiro contragolpe, fica estarecida, e aquilo que você ouviu sobre aqueles cristãos? O que eles têm que você não tem, ou que falta a você o que eles têm?

Colocação: *Para mim, muitas vezes falta...*

Carrón: Porque você ouve falar de uma violência que está distante, mas eles a sofrem na própria pele. Onde está a diferença?

Colocação: *Muitas vezes, sinto Cristo como uma coisa separada de mim. Ao contrário, para eles, não é assim.*

Carrón: No entanto, você conheceu Cristo, O tem diante de si, O encontrou.

Colocação: *Sim, encontrei-O, porém...*

Carrón: É isso. Não devemos ter medo de dizer essas coisas (como você fez, escrevendo e dizendo agora diante de todos), porque isso faz parte do caminho. É exatamente essa a nossa dificuldade. Giussani diz: não basta “saber” para entender o alcance daquilo que encontramos.

Colocação: *Sim.*

Carrón: E então?

Colocação: *Realmente, me impressionou o fato de, no final do encontro, uma médica iraquiana que mora lá ter perguntado: “Por que vocês acham que eles fazem essas coisas?”. E um de nós respondeu: “Porque acham que é muito razoável”. E ela respondeu: “Bem, mais do que pelo fato de acharem razoável, é porque eles ficaram totalmente fascinados pela pessoa de Cristo”.*

Carrón: E por isso são razoáveis!

Colocação: *Sim, porém eu não daria a vida por uma ideia razoável.*

Carrón: A fé é razoável ou não? Há pessoas que, diante de fatos tão clamorosos que acontecem em suas vidas, têm uma certeza que lhes permite estar diante deles. Nós, muitas vezes, não. Diz, ainda, uma carta: “Diante dos acontecimentos de Paris, ao espanto por causa daquilo que aconteceu, juntou-se uma confusão quando tentei entender e julgar. Discutir as notícias dos meios de comunicação com os amigos e os colegas alimentou essa confusão. No fundo, mais concreta do que qualquer interpretação é a reação de medo que me faz olhar para aquilo que acontece como uma ameaça terrível. Por isso, fui rever no livro *Vita di don Giussani* como ele reagiu aos atentados de 11 de setembro de 2001. Antes de mais nada, me impressionou a ênfase que ele coloca na gravidade. Eu também estou perturbada. Mas a minha percepção é mais superficial [não é que uma pessoa está diante de um fato e outra, diante de outro; não, todos estamos diante do mesmo fato, mas um é capaz de se aprofundar e outro fica na superfície], enquanto Dom Giussani afirma que tudo é sinal, que a última palavra sobre a realidade é que ela é positiva, que a misericórdia de Deus é a maior palavra [como as duas coisas podem estar juntas?]. Se não entendo as razões pelas quais ele fala de positividade da realidade, posso até admirar o que ele diz, mas não se tornará um juízo meu [essa é a questão: posso repetir o juízo que um outro me dá, mas não se tornará meu se não faço a experiência que ele fez], e o que ficará mais concreto será o medo”. Posso repetir um juízo que um outro me dá, mas o medo permanece, porque o medo se vence com a experiência, como diremos depois. “Então, me questionei sobre os meus medos. Não quero que os homens morram, não quero que os meus amigos morram, não quero que sofram, não quero que a nossa civilização contraditória seja devastada. E dou-me conta de que por trás disso, grita a implicação final, aquela aspiração inextirpável de que a vida possa se realizar. É essa implicação última que as palavras de Dom Giussani fazem ressoar através dos meus medos, e as palavras de Dom Giussani tornam-se razoáveis porque são interceptadas por essa implicação última. Assim, também ficam claras para mim as palavras do segundo capítulo de *Por que a Igreja*, “era uma realidade objetiva que educava a subjetividade do homem”. É uma presença histórica que tem influência sobre mim colocando em

ressonância aquilo que sou, profundamente, de modo que posso finalmente superar as análises e as reações e começar a olhar e a reconhecer aquilo que acontece. São os vestígios daquela semente da qual você falava no artigo de Natal no *Corriere della Sera*, citando Dom Giussani: “Estamos verdadeiramente em condições de sermos [...] os primeiros daquela mudança profunda, daquela revolução profunda que nunca estará – afirmo: nunca – naquilo de exterior, como realidade social, pretendemos que aconteça [...] não estará nunca na cultura ou na vida da sociedade se não estiver primeiro [...] em nós. Se não começar entre nós [...] uma revolução da pessoa, da sua forma de se conceber [...] sem preconceito, sem pôr a salvo qualquer coisa primeiro”. (“Aquela aparente fragilidade que continua a interrogar-nos”, *Corriere della Sera*, 22 de dezembro de 2014). De fato, o que despertou todas essas perguntas, toda essa agitação, toda essa nossa calma tranquila? Os fatos. A vida é sempre cheia de fatos – graças a Deus, nem todos tão fúnebres como este – que despertam em nós, de um modo ou de outro, todas as perguntas. Outra pessoa me faz uma pergunta: “Por que exatamente o cristianismo deveria ser a resposta para esse problema, como diz a Escola de Comunidade?”. Essa é uma pergunta que é preciso deixar aberta, porque aquilo que é proposto ao longo de todo o livro é exatamente a verificação disso, se realmente Cristo é a resposta a essa pergunta. O problema da Igreja é exatamente este: se eu posso alcançar uma certeza objetiva de que o cristianismo realmente responde ao problema religioso. É uma hipótese a ser verificada. Não é que um outro pode responder por nós. As respostas que Dom Giussani dá, vocês podem ler no livro; mas quando acontece alguma coisa, se o juízo não é seu, você ficará perdido (como tantas vezes acontece conosco nos dias de hoje). Essa hipótese a ser verificada é exatamente o percurso de *Por que a Igreja*, que não é um livro para ser aprendido e repetido, mas é um livro para ser vivido, para verificar se as perguntas que a vida coloca, as perguntas do senso religioso, encontram uma resposta naquilo que a Igreja transmite e nos faz experimentar através da sua vida: Cristo, Cristo como resposta ao drama da vida.

Colocação: *Li um artigo na internet sobre um fundamentalista que incitava o estupro das mulheres cristãs e a decapitação dos homens cristãos, e em mim surgiu a seguinte pergunta: como o Senhor, que diz que nos ama tanto (pensava apenas em nós, cristãos) pode permitir que alguém assim, viva? Por que não o elimina num estalar de dedos? Por que permite que mulheres e homens inocentes sejam objeto de uma violência tão absurda só porque têm uma fé diferente?*

Carrón: Vocês veem como, no fundo, a nossa reação é tal e qual àquela de quem criticamos? Da mesma natureza que emergiu antes: uma reação ditada pela ação de um outro. Qual a diferença?

Colocação: *Quanto mais me fazia essas perguntas e tentava imaginar o grande sofrimento dessas pessoas que todos os dias vivem com o medo de serem objeto de violência e morte, mais nascia em mim um escândalo pelas coisas que estão acontecendo. No decorrer do dia, continuei fazendo as coisas cotidianas com essa pergunta insistente que não me deixava tranquila. À noite, fui à missa e o padre, comentando o Evangelho, disse: “O Senhor, enquanto criava cada um de nós, tinha o olhar fixo em Jesus”. Ouvindo essa afirmação, voltou a pergunta que me perseguiu durante o dia todo: como é possível que, olhando para Jesus, Deus tenha criado também aquele homem, um sujeito que odeia Cristo a ponto de matar quem O ama? Mas a homilia não parou aí. A um certo ponto, o padre repetiu as palavras do Evangelho proclamado: “E o Verbo se fez carne e veio habitar entre nós”. Durante a leitura do Evangelho, tinha escutado essa frase como algo já ouvido diversas vezes, porém, quando ele a repetiu durante a homilia, foi como um tapa e lembrei-me imediatamente do dia em que encontrei Cristo pela primeira vez na vida. E me dei conta do seguinte: eu também era como aquele homem, odiava tudo o que tivesse a ver com a fé, a considerava algo para os fracos e zombava daqueles que tinham um credo, não importa qual. E disse a mim mesma: “Quando Cristo decidiu debruçar-se sobre você, você era tudo, menos piedosa e boa; era cheia de mal até a medula, e sequer era uma dos Seus, porque não era batizada! Mas isso não impediu que Cristo viesse para lhe tomar e amar todos os dias da sua vida”. Essa constatação, além de me revelar a verdade de mim mesma e de me libertar do escândalo que tinha me acompanhado durante o dia, me fez experimentar piedade por aquele homem, a ponto de pedir ao Senhor por ele. Continuar a odiá-lo teria significado eliminar, antes de mais nada, a mim, e*

toda a experiência que tinha feito de Cristo até agora. Até hoje, sempre tinha achado uma temeridade aquilo que Jesus disse aos seus discípulos: “Amai os vossos inimigos”. Mas, agora, que fiz experiência disso, não poderei mais achar que é impossível. É realmente verdade que aquilo que governa o meu coração é o amor de um Outro por mim, porque não me sentia livre desse modo há muito tempo. Quero agradecer-lhe pelo trabalho deste ano, pela contínua insistência para que fôssemos até o fundo de nós mesmos para podermos estar diante de todos os desafios da vida. Parece-me que o que me aconteceu é um exemplo disso: somente levando a sério aquilo que acontece em mim quando me deparo com a realidade que me provoca, posso chegar ao coração da questão. Qualquer outro método pode me dar suposições boas e justas, mas estéreis.

Carrón: Entendem? Podemos saber que O Verbo se fez carne, mas o que se impõe é uma outra reação. Até que a pessoa se dá conta do que recebeu. Mas você não teria entendido isso com a densidade com a qual acabou de dizer se não tivesse sido despertada, e quase transtornada, por uma pergunta através da qual pôde perceber a resposta que era dada na homilia do padre (senão, você teria ouvido a homilia como a ouvimos sempre...). Para poder interceptar mesmo que uma migalha da verdade, é preciso que a pessoa tenha uma pergunta, quer dizer, é preciso que tenha o senso religioso desperto, senão, tudo o que nos é dito permanece sendo apenas palavras. Não é que não nos seja dito! Apenas ouvir a repetição de certas frases do Evangelho já é suficiente para perceber o alcance da resposta que Cristo é. O problema é que na maioria das vezes, como falta a pergunta, não percebemos nada. É essa a origem da questão, como diz Dom Giussani, entendem? Não é culpa de um ou de outro, não; é que não somos capazes de interceptar a resposta e, portanto, sentimos aquela “aversão” da qual o livro fala, uma aversão que nos faz praticamente fugir. Mas, o que vence essa aversão?

Colocação: *Na última Escola de Comunidade, você nos colocou diante do fato de que, sem viver do método que Giussani nos deu, será impossível percebermos a verdade e a pertinência do fato cristão. Quando comecei esse trabalho, vivi isso. Segunda-feira, na diaconia dos universitários, vi outra vez em você o fascínio inequívoco da vida da Igreja, do acontecimento de Cristo que vive agora porque há um homem que o aceita a partir da comparação contínua com o coração. Diante de você, que nos deixava sem ação, perguntando: “O que é o Natal? O que o Natal tem a ver com o que aconteceu na França?”, finalmente descansei.*

Carrón: Porque para vocês o Natal parecia não servir como resposta para os eventos da França! Tínhamos necessidade de outra coisa. O Natal, que acabamos de celebrar, não tinha deixado rastros para estarmos diante do que aconteceu em Paris. Isso não se resolve escrevendo um panfleto a mais! Precisei insistir sobre isso com todos vocês para que o nexo aparecesse. Na confusão por causa daquilo que tinha acontecido, quantos perceberam algum nexos com o Natal (que, não tenho dúvidas, todos celebramos devotamente)?

Colocação: *Na confusão total das horas precedentes, finalmente meus ouvidos e meu coração eram, com uma paciência incansável, reconduzidos à verdade, retirados dos escombros, não com uma resposta, mas com uma pergunta. O que é o fato cristão para você? É interessante? Por quê? Ao ouvir essa pergunta, voltava-me para mim mesma, cheia de dor pelo meu afastamento, mas imensamente comovida. Experimentei que a vida da Igreja, que se manifesta através de uma carne que está na minha frente, em primeiro lugar me faz voltar a viver aquele nível que Giussani chama, exatamente, de senso religioso. Isso não é constante, mas não tenho medo porque o lugar que o doa novamente a mim, existe. Na caritativa, também me acontece a mesma coisa. Que presente ter um lugar que me dá novamente a consciência do destino do homem! Fiquei muito impressionada com o modo como Dom Giussani me descreve, passo a passo, nesse primeiro capítulo, sobretudo quando fala da aversão do homem pelo domínio do senso religioso. É verdade que isso é a ferida do pecado original, porque é a ausência da pergunta que me impede de me deixar amar pelos Seus traços na realidade. Estar diante de você, na segunda-feira, me despertou e fez com que eu voltasse a me empenhar com o senso religioso, e também com o rapaz com quem faço caritativa. Então, entendo porque Giussani fala de convivência com a Igreja; sem ela, o meu coração volta a ser*

coberto por escombros. Ver que existe você, que desfruta dessa maneira do fato de Cristo, pelo empenho que tem com o seu coração, é repousante.

Carrón: O que me impressiona, pensando nessa aversão, é: como o filho pródigo a venceu? Porque é por causa dessa repugnância que ele foi embora de casa, porque aquele lugar que podia determinar a vida em todos os seus fatores não o satisfazia. O que me impressiona é que o que venceu a aversão não foi lutar contra ela, a vitória não foi o êxito de um caminho ascético. Não disse: “Já aprendi a me mortificar mais, agora posso voltar para a casa de meu pai”. Isso não teria vencido a aversão. Teria voltado um pouco mais instruído, mas com a mesma aversão oculta. O que fez com que ele vencesse a aversão a ponto de querer voltar para casa foi ter entendido a própria necessidade. E isso é o que substancialmente Dom Giussani diz: nós sentimos essa aversão (também podemos senti-la em alguns momentos durante o trabalho sobre esse livro) porque perdemos a consciência do nosso drama e da nossa necessidade. E não se vence a aversão lutando contra ela, mas dando-nos conta daquilo que somos, de qual é a nossa necessidade. Porque, quando a pessoa entende em que consiste a própria necessidade – como o filho pródigo –, nem se lembra da aversão! Por isso, aquilo que aconteceu em Paris, como tudo o que o Mistério faz acontecer ou permite que aconteça, é para o nosso amadurecimento. Muitos sentiram uma sensação de impotência. E essa é a primeira coisa para a qual devemos olhar. Como é que um fato assim pode nos fazer sentir desorientados na vida, quando para outros, como vimos, não acontece isso? Isso demonstra algo da experiência que cada um está fazendo. Aqui, temos um fato que envolveu a todos, que cada um viveu. E cada um pode ver em si, objetivamente, como o viveu, não é preciso que alguém lhe diga. É um teste simples para o próprio caminho. Porque demonstra qual é a natureza da questão que suscita a impotência ou a desorientação. Normalmente, pensamos que a confusão é provocada por esses fatos, que os fatos que acontecem são a causa da confusão, mas não é assim. Os fatos não são a causa da confusão, mas os fatos colocam em evidência o quanto estamos perdidos! Os fatos não são capazes de gerar a fragilidade e a confusão, a não ser em quem já é frágil ou confuso. Então, basta qualquer coisa para que isso fique evidente. Por isso, é importante nos olharmos em ação, porque o nosso problema, aqui, não é causar boa impressão. Interessa-nos entender, fazer um caminho e julgar o caminho. Muitas pessoas sentiram essa confusão e muitos tentaram responder. Cada um tentou responder de uma forma: alguns buscaram mais informações, outros foram à manifestação em Paris, alguns conversaram com outras pessoas. Cada um deve verificar se a tentativa feita lhe tirou o medo e o fez sair da confusão. Aqui, não há histórias, a vida não poupa ninguém, com ou sem panfleto do Movimento! Porque, muitas vezes, o panfleto é aquilo com o qual cobrimos a nossa nudez: temos algo para entregar para os outros e não precisamos pensar a respeito. Isso não quer dizer que não faremos panfletos, como acontece em tantas ocasiões. O problema agora é que procuremos observar nossas tentativas em relação a essa confusão; cada um olhe para si e julgue. Sobre isso, me impressionou um texto (“Natal: o mistério da ternura de Deus”, *Passos*, dezembro 2005, pp. 1-2”), que trabalhei durante o tempo de Natal, no qual Dom Giussani diz que buscamos a nossa consistência naquilo que fazemos ou naquilo que temos. Exatamente por essa nossa inconsistência, muitas vezes pensamos que, de algum modo, devemos fazer algo, e procuramos a resposta à nossa inconsistência naquilo que queremos fazer. Então, fazemos – e cada um pode verificar o que fez –, mas isto não elimina a inconsistência. Quantos voltaram para casa, depois da manifestação de Paris, com menos medo e menos confusos, independente do número de pessoas na praça? Por isso, Dom Giussani insiste: se nós buscamos a nossa consistência “naquilo que fazemos ou naquilo que temos [...], nossa vida não tem mais aquele sentimento, aquela experiência de certeza plena que a palavra “paz” indica, [...] aquela certeza plena, aquela certeza e aquela plenitude sem a qual não há paz e, por isso, não há alegria e não há contentamento. No máximo, chegamos a uma satisfação íntima por aquilo que fazemos, ou a sentir orgulho de nós mesmos. E esses fragmentos de satisfação por aquilo que fazemos ou por aquilo que somos não trazem nenhuma alegria e nenhum contentamento, nenhum sentimento de plenitude seguro, nenhuma certeza e nenhuma plenitude”. Quando não entendemos isso, continuamos propondo soluções que nos levam exatamente à confusão. Mas, ao mesmo tempo, enquanto há pessoas que estão confusas, muitos de nós não estão. Por quê? Não porque sejam mais intelectuais

ou mais informados. Um de nós dizia recentemente em um de nossos encontros: “Diante dos acontecimentos de Paris, a primeira coisa que pensei foi na vida do Movimento”. Antes de qualquer outra consideração, pensei na vida do Movimento, naquilo que vivemos; porque o que dá consistência é uma vida que apaixonou. Por quê? Porque a certeza não está naquilo que fazemos, continua Dom Giussani, mas em “algo que aconteceu em nós. A nossa identidade, a consistência da nossa pessoa, a certeza do tempo coincide – literalmente “coincide” – com este algo que aconteceu”. Ou melhor, diz Dom Giussani citando Mounier: “*Alguém nos aconteceu*”. Esse é o juízo. Que não é fruto de uma análise mais aguda porque, como diz Chesterton, o problema dos sábios não é que não entendem a resposta, é que não entendem o problema, não entendem o enigma e, por isso, não são capazes de interceptar a resposta. Dom Giussani insiste constantemente que sem uma educação ao senso religioso, sem entender o problema, nós não podemos entender a resposta, como diziam algumas colocações desta noite. Nós a temos diante de nós, celebramos o Natal! Mas não percebemos, porque continuamos pensando que é preciso fazer outra coisa, como se esta fosse uma posição mística. Para responder a fatos como os que aconteceram em Paris – se diz –, seria preciso algo bem diferente... Por isso, tudo o que dissemos nos Exercícios da Fraternidade (sobretudo na primeira palestra), na Jornada de Início de Ano, na Página Um de *Passos* de junho de 2014 e janeiro de 2015, no artigo sobre o Natal publicado no *Corriere della Sera*, é como se não existisse! Depois, dizemos que o Movimento não julga, que não temos um rosto cultural! Como eu dizia na última Escola de Comunidade, não basta repetir um discurso. Ao filho pródigo, não bastava ter nascido em uma família, ter um pai e uma casa para perceber o alcance daquilo que tinha diante de si e precisou fazer todo um percurso para descobri-lo. E se nós não fizermos esse percurso, não o descobriremos, seremos como o irmão que fica em casa. Não significa que precisamos ir embora, não, podemos ficar dentro do Movimento. Mas se não fazemos um percurso, somos como o irmão que ficou em casa e que ainda não entendeu. De onde esperamos a salvação? De uma reação? De uma explicação? Ou de uma vida que encontramos, feita de tudo aquilo que vivemos? Aqui, vemos como estamos de novo diante da relação entre a verdade e a liberdade, da qual falamos em tantas ocasiões recentemente. Porque não há outro acesso à verdade daquilo que vivemos se não através da liberdade, como demonstra o filho pródigo. Até nós, cristãos, poderíamos achar que respondemos, como ouvimos, usando a mesma lógica violenta dos terroristas. Quantas vezes pensamos que é necessária uma reação à “altura” porque, no fundo, o desígnio de Deus é muito pouco para mudar a realidade? Quem poderia acreditar, como dizíamos no Natal, que escolhendo um homem, Abraão, Deus pudesse mudar o mundo? Então: estamos diante de uma escolha. É a escolha diante da qual se viu o povo de Israel: Barrabás ou Jesus. Barrabás, não tanto como um malfeitor, como pensamos, reduzindo a sua figura, mas como aquele que lutava contra o opressor romano usando meios mais contundentes, segundo ele, mais eficazes. O método de Jesus era considerado muito pouco eficaz. Pedro, no Horto das Oliveiras também pensava como Barrabás. Nós precisamos decidir. Nem a nós, agora, é poupada a escolha entre Barrabás ou Jesus. Porque a tentação é pensar que Cristo seja muito pouco para nós. Mas quando vivemos a vida que nos foi dada e respondemos às necessidades – fazemos caritativa, participamos dos Colegiais ou vamos a Associação Portofranco –, quem nos encontra, não importa o credo religioso, encontra algo que o leva a dizer (como disse um rapaz muçulmano a um dos nossos amigos): “Não posso não mudar a vida depois de ter visto uma coisa assim”. Ou outro que disse, com um grande senso de humor: “Agora, sou mais muçulmano do que antes, mas o problema do Islã é que lá não há os Colegiais, quer dizer, não existe um lugar onde eu possa me tornar mais eu mesmo”. Essa sociabilidade, quando acontece, é a vida da qual fala o primeiro capítulo, a vida da Igreja. A vida que nos fascinou também pode fascinar os outros. Porque nós, cristãos da Europa, temos um problema: não é que precisemos procurar os outros não sei onde, os temos em casa, de todas as religiões. O problema é o que essas pessoas veem quando nos encontram.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 25 de fevereiro, às 21h30 e trabalharemos o segundo capítulo de *Por que a Igreja*. Este capítulo fala de como alcançar a certeza

sobre Cristo. Dom Giussani descreve as três posturas culturais com as quais podemos enfrentar essa questão. Nós podemos reduzir essas posturas culturais a uma descrição de etapas históricas da nossa cultura, mas Dom Giussani insiste que podemos assumir essas posturas culturais agora. Por isso, a pergunta com a qual os convidamos a trabalhar esse capítulo é: onde você surpreende essas posturas em você, quaisquer que sejam elas? Não importa se estamos à altura ou não, mas onde descobrimos essas posturas, para responder à pergunta: como alcançar a certeza sobre Cristo? Porque é inevitável que nos rendamos frequentemente a essas posturas, a alguma ou a todas, em diversos momentos da vida. Por isso, percebê-las, darmos-nos conta delas é o que nos permitirá dar um passo.

Vídeo e mostra pelos dez anos de morte de Dom Giussani. Muitos amigos do Movimento, sobretudo os jovens e muitas pessoas que encontramos neste período, nunca conheceram ou sequer viram ou ouviram Dom Giussani. Por isso, inicialmente, pensamos em fazer uma exposição que pudesse apresentar, através de alguns painéis, os passos fundamentais de Dom Giussani com imagens e momentos significativos da sua vida. Mas depois, pensando nessa exposição, dizíamos: quem, vendo-a, não sentiria vontade de ouvi-lo falar? Quem de nós não teria vontade de conhecê-lo? Quantos, lendo a *Vita di don Giussani*, se lamentaram por não terem cruzado com ele durante a vida! Então, surgiu a ideia de fazer um vídeo com cenas de Dom Giussani, exatamente para responder ao desejo que muitas das pessoas que encontramos têm de conhecê-lo, as quais ficaram interessadas nas apresentações do livro sobre a vida de Dom Giussani ou através do vídeo dos sessenta anos (“A bela estrada”), que suscitaram uma curiosidade por ele. Nessa celebração do décimo aniversário de sua morte, respondemos a esse desejo compartilhando com os outros aquilo que nós recebemos, a graça que recebemos de tê-lo conhecido.

O **vídeo**, com duração de cinquenta minutos, estará à venda no dia 22 de fevereiro com o *Corriere della Sera*.

A **exposição** com o título *Da minha vida à vossa*, poderá ser baixada gratuitamente em um formato que pode ser impresso no site de CL a partir de 26 de janeiro de 2015. Estará ao alcance de todos e, depois, vocês poderão montá-la nas diversas comunidades ou nos diversos locais de trabalho, condomínios, etc, como modo de compartilhar com as pessoas que vocês estimam. Por isso, começamos esse décimo aniversário já com essa tarefa, para continuar compartilhando com todos aquilo que vivemos e que, como vimos, foi acolhido de um modo além das nossas previsões. Imaginem o que poderá acontecer quando virem o seu rosto e ouvirem sua voz!

Fraternidade de Comunhão e Libertação. Àqueles que querem se inscrever na Fraternidade e ir aos Exercícios Espirituais, lembro que devem apresentar o pedido até segunda-feira, 26 de janeiro.

Audiência de 7 de março. Para a participação na audiência com o Papa, no dia 7 de março, lembro a vocês que é necessário se inscrever até o dia 12 de fevereiro através da secretaria da própria comunidade. Peço que vocês aprendam os cantos que faremos na audiência e, em particular, que repassem o Hino da Quaresma *Sempre cantamos ao nascer do dia*, que cantaremos na praça e a canção argentina que queremos cantar para o Papa, *Zamba de mi esperanza*.

Livro do mês de janeiro e fevereiro [para Itália]. No site de *Tracce*, vocês poderão encontrar um vídeo com a entrevista de padre Francesco Braschi, que apresenta o livro do mês: *A conversão ao cristianismo nos primeiros séculos*, de G. Bardy.

Banco Farmacêutico. Sábado, 14 de fevereiro, acontecerá, na Itália, o décimo quinto Dia Nacional de Coleta de Remédios em mais de três mil e quinhentas farmácias, distribuídas em noventa e sete províncias.

Veni Sancte Spiritus